

APRESENTAÇÃO

Como se relacionam as esferas cultural e política? Como as Ciências Sociais vêm respondendo à constatação de que Cultura e Política não apenas se relacionam, mas se determinam? Em torno dessas questões, as contribuições deste dossiê trazem chaves-interpretativas que em cada campo disciplinar – Ciência Política, Antropologia e Sociologia – tentam ‘culturalizar a política’, bem como ‘politizar a cultura’¹.

A nosso ver, este duplo movimento é função de dois processos mais amplos, transcorridos ao redor da produção sociológica brasileira. De um lado, as mudanças levadas a cabo no interior da agenda político-pública, ao menos desde fins da década de 1980, obrigaram os pesquisadores a reconhecer uma gama de expressões civis cujo desempenho ‘cultural’ colocava em xeque acepções restritas de Política. De outro lado, a circulação de objetos e de perspectivas de análise entre as disciplinas colocou lado a lado posturas e interpretações divergentes, senão conflituosas², quanto à natureza da vida política brasileira, por exemplo.

O dossiê ‘Cultura e Política’ expressa alguns dos desdobramentos teóricos que são produto daquele duplo-movimento e que hoje têm de encarar as críticas internas às respectivas tradições disciplinares. Como o leitor verá, o reconhecimento do par político-cultural demandou criatividade e fôlego metodológicos, demandou ‘imaginação sociológica’, para falar como Wright Mills, no enfrentamento teórico-empírico e normativo daquelas questões.

¹ É certo que a problematização das relações entre Cultura e Política não constitui exatamente uma novidade na Ciência Social brasileira. Dentre inúmeros exemplos, poderíamos citar o conjunto de reflexões agrupado em Cardoso (1986).

² Veja-se, por exemplo, a famosa contenda teórica entre Mariza Peirano (1991) e Fábio Wanderley Reis (1991), por ocasião da mesa redonda ‘Teoria e Método e as Ciências Sociais Brasileiras da Atualidade’, realizada no 14^o. Encontro Anual da Anpocs, 1990.

Abrindo o dossiê, ‘Trabalhadores e bandidos’, de Gabriel Feltran, apresenta uma etnografia nos moldes daquela que se poderia denominar uma ‘nova sociologia da pobreza’³. Ao aliar acuidade descritiva e fluidez interpretativa, o autor expõe o drama vivido por aqueles cujas formas de classificação (e de autoclassificação) transitam nos limites do lícito e do ilícito. Em seguida, o texto de Gustavo da Costa Santos trata da luta por direitos sexuais de casais homossexuais e coloca em tela os casos sul-africano e brasileiro. Sua reflexão desvela a reciprocidade entre as esferas cultural e política na medida em que apresenta a forma pela qual concepções heteronormativas de ‘família’ e de ‘laço afetivo’ restringem a ampliação de direitos de grupos ditos minoritários, bem como sua incorporação legal. Embora abrigadas sob temáticas distintas, ambas as reflexões introdutórias não apenas exploram pelo viés empírico o problema das formas de produção de injustiça – socialmente legitimada, lembra Feltran –, como notam que configurações culturais circunscrevem normativamente categorias jurídico-políticas.

A segunda parte do dossiê poderia bem se chamar “os usos da cultura”. Em ‘Cultura Política e Democracia’, Ednaldo Ribeiro desfaz vários mitos a respeito da teoria da cultura política, tal como concebida e praticada no contexto acadêmico anglo-saxão. Além disso, seu texto apresenta em chave teórico-histórica uma vertente do culturalismo que, na Ciência Política, tenta ultrapassar as fórmulas mais simples e simplificadoras do neo-institucionalismo, sobretudo, aquelas da *rational choice*. Já o texto de Raul Ortiz enfatiza os ‘abusos’ da cultura. Utilizando-se das reflexões de Eric Wolf, o antropólogo procura mostrar como o método etnográfico, especialmente de sotaque afrancesado, imputa de forma equivocada traços ‘estáveis’ de ‘homogeneidade’ a grupos sociais ditos não-complexos. Na base de tal erro reside uma concepção de ‘cultura’ desprovida de história e que, portanto, negligencia relações dinâmicas de poder, seja intra ou inter-grupais.

Fechando a organização, o artigo de Lucybeth Camargo de Arruda aborda, por meio de documentação e de imagens fotográficas, a política

³ Exemplo claro da nova orientação nesta sub-área da Sociologia é TELLES; CABANES (2006).

indigenista do extinto ‘Serviço de Proteção aos Índios’. O recurso à imagem é eficaz: nela se fundem cotidiano, identidade e discurso assimilador. Na interface entre História e Antropologia Visual, a discussão de Arruda vai ao cerne do par político-cultural porquanto demonstra de forma clara como qualquer projeto de dominação (nacional e nacionalizante, neste caso) passa necessariamente pela alusão a um imaginário ‘cultural’.

No seu todo, este dossiê é uma tentativa de explorar e de pluralizar o debate acerca das relações entre Cultura e Política. Ao reconhecerem a recíproca determinação entre essas esferas, os textos aqui apresentados trazem a marca de sua origem disciplinar e, nesse sentido, veiculam a limitada capacidade de interlocução entre as três áreas – Antropologia, Sociologia e Ciência Política. A diversidade de objetos que perpassa este dossiê (injustiça social ou projetos de nação, por exemplo) expressa de forma nítida as vantagens de pensar ambas as dimensões (cultura e política) em sua reciprocidade. Entretanto, a despeito dessa indissociabilidade, para falar com Dagnino, as formas de enfrentar tal relação se mostram muito distantes e restritas a cada uma das três áreas. Cabe ao leitor examinar se, frente a temáticas que exigem do analista o reconhecimento do par político-cultural, é válido empreender uma análise estritamente antropológica ou, na outra ponta, calcada numa ‘ciência política *hard*’? Em caso de resposta negativa, o desafio passa a ser a articulação fina entre o domínio consistente de dada tradição disciplinar e a incorporação de contribuições de uma disciplina *outsider*, construindo modelos teoricamente mais abertos que permitam falar, ainda, em Ciências Sociais.

José Eduardo Szpak
Luiz Domingos Costa
Dezembro de 2007

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, R. (org.) *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- PEIRANO, M. “Os Antropólogos e Suas Linhagens”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 6, 1991.
- REIS, F. W. O Tabela e a Lupa: teoria, método generalizante e idiografia no contexto brasileiro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 6, 1991.
- TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert. (orgs.) *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, IRD, 2006.